

EXPLORANDO A GEOGRAFIA ESCOLAR NAS TRILHAS DE UMA APRENDIZAGEM COMPREENSIVA.

Rodrigo da Silva Menezes
rodrigomenezesedu@gmail.com¹

Iara Vieira Guimarães
iaravgm@gmail.com²

RESUMO

Historicamente o ensino de geografia no Brasil, em seu sentido prático, tem sido permeado por um tipo de raciocínio dissociado da realidade local, revelando um aspecto contraproducente à compreensão crítica dos estudantes sobre os fenômenos que ocorrem diariamente no espaço geográfico. A metodologia de pesquisa qualitativa que embasa este trabalho estrutura-se numa pesquisa bibliográfica sobre os temas da aprendizagem compreensiva, uso de diferentes linguagens na educação, raciocínio geográfico e inteligência espacial. Propõe-se um debate teórico fundamentado em (Kimura, 2008), (Gardner, 2009), (Callai, 2010) e (Castelar, 2010) que, além de serem pesquisas que reconhecem a relação dos sujeitos com o mundo e o contexto local no ensino de geografia, abordam o raciocínio geográfico como fundamento para a compreensão das dinâmicas espaciais vivenciadas pelos estudantes. Para além disso, discute-se o papel da inteligência espacial no processo de aprendizagem, destacando algumas habilidades e competências a serem desenvolvidas em sala de aula, tendo como referência a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Como resultado da pesquisa bibliográfica e estudo realizado, afirma-se a necessidade de um ensino de geografia que reconheça a relação dos estudantes com o mundo em que vivem e que, ao assumir a aprendizagem compreensiva como prática pedagógica, vise o conhecimento prévio dos estudantes sobre os conteúdos trabalhados em sala de aula e considere o cotidiano de suas vidas para aprofundar a compreensão dos conteúdos escolares estudados.

Palavras-chave: Geografia escolar; Raciocínio geográfico; Aprendizagem compreensiva.

INTRODUÇÃO

A institucionalização da geografia escolar no Brasil desenvolveu-se historicamente sob uma visão pedagógica que dissocia o pensar geográfico da realidade local. O ensino dessa

¹ Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3682137418664056>, ORCID: 0000-0001-8918-1001, Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia – PPGED / FAGED / UFU, Bolsista CAPES. Integrante dos Grupos de Pesquisa “Ensino de Geografia e História GEPEGH – UFU” e “Formação de Professores e Tecnologia da Informação e Comunicação FOPTIC – UFS”.

² Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9760073640184964>, ORCID: 0000-0002-5509-8805, Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia – PPGED / FAGED / UFU, Vice-líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Ensino de Geografia e História (GEPEGH).



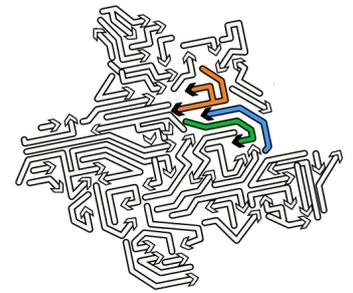
disciplina acompanha os princípios de uma ciência geográfica descritiva, mediante observações na superfície terrestre, capaz de identificar ações humanas que são responsáveis por transformações que ocorrem cotidianamente no espaço geográfico.

A geografia, enquanto disciplina escolar, surge no contexto tradicional mediada por uma prática pedagógica padronizada, excludente e pautada em informações obtidas por meio de observações e descrições sobre a paisagem, que enfatiza os aspectos naturais em detrimento das características sociais dos lugares, assemelhando-se a uma visão científica que privilegia o pensamento determinista-positivista. Os materiais didáticos da época eram importados do continente europeu e versavam sobre uma geografia geral de países como França e Alemanha (berços da sistematização da geografia como ciência), tendo no ensino uma menor ênfase às análises locais do entorno da escola. Essa prática pedagógica refuta, por exemplo, as diversas geografias existentes em cada indivíduo e valoriza, em contrapartida, o caráter mnemônico associado aos conteúdos geográficos.

A metodologia de pesquisa qualitativa que embasa este trabalho estrutura-se numa pesquisa bibliográfica sobre os temas da aprendizagem compreensiva, uso de diferentes linguagens na educação, raciocínio geográfico e inteligência espacial. Dentre os autores utilizados como referências destacam-se (Kimura, 2008; Gardner, 2009; Callai, 2010; Castelar, 2010) que, além de reconhecerem no ensino de geografia a relação dos sujeitos com o mundo e o contexto local, tratam o raciocínio geográfico como fundamento para a compreensão das dinâmicas espaciais vivenciadas pelos estudantes.

Como um dos resultados da pesquisa bibliográfica, a análise dos trabalhos de autores como (Kimura, 2008), (Lessan, 2009), (Rudnick; Souza, 2012) e (Castelar, 2010), revelou reflexões teóricas que tratam da exploração do ensino de geografia nas trilhas de uma aprendizagem compreensiva sobre a realidade, fazendo uso de estratégias didáticas estruturadas em conteúdos contextualizados com a vida imediata dos estudantes. Nesses trabalhos, indica-se como princípio didático as atividades de estudo mediadas por situações-problema, que consideram a escala local da análise geográfica para desenvolver o raciocínio geográfico em sala de aula.

Se quisermos falar da escola de modo que ela nos surja dotada de alguma lógica compreensiva, é indispensável toma-la em um determinado contexto.



É dele que surge a condição de sujeitos reais, como são realmente os alunos e professores, os principais frequentadores das escolas. As características desse contexto, de uma ou outra maneira, em seu estado puro ou transformado, em sua concretude ou em suas reverberações, ajudam a compor as condições integrantes do universo escolar. (KIMURA, 2008, p. 15)

O contexto social tomado neste caso representa as relações estabelecidas pelos estudantes em seus cotidianos e na valorização de seus conhecimentos prévios, buscando a compreensão daquilo que expressam, em diversas linguagens, o mundo em que vivem. Neste sentido, (Castelar, 2010) expressa que o significado da produção de leituras de mundo em sala de aula é compreender informações sobre o espaço vivido, ou seja, um esforço mental visando o entendimento do contexto em que os estudantes vivem, não atendo apenas à percepção dos fenômenos geográficos, mas também aos significados de cada uma deles.

É crucial entender que a escola, no seu sentido tradicional, tem se revelado incapaz de atender aos alunos de forma eficaz para que eles tenham acesso ao conhecimento e ao entendimento do mundo. Para se mudar esta realidade, há necessidade de se relacionar as escalas locais e global nos conteúdos de Geografia, considerando também a realidade que os estudantes vivenciam. (CALLAI, 2010, p. 19)

Este artigo versa sobre a aprendizagem compreensiva no contexto da geografia escolar, destacando a necessidade de se trabalhar pedagogicamente as realidades vivenciadas pelos estudantes para entendimento dos conteúdos estudados e compreensão das complexidades que envolvem o espaço geográfico. Destaca como ponto de reflexão essencial para o debate teórico proposto a utilização de diferentes linguagens no ensino de geografia e o reconhecimento do raciocínio geográfico e da inteligência espacial, processos cognitivos indispensáveis para o desenvolvimento de percepções precisas sobre o mundo vivido no ambiente escolar. Defende a alfabetização cartográfica como prática pedagógica capaz de referenciar atividades de estudo com base na BNCC para desenvolver pensamento crítico, em conjunto com os estudantes, sobre dinâmicas espaciais que ocorrem em contextos global, nacional, regional e local.



TRILHANDO UMA APRENDIZAGEM GEOGRÁFICA COMPREENSIVA NO AMBIENTE ESCOLAR.

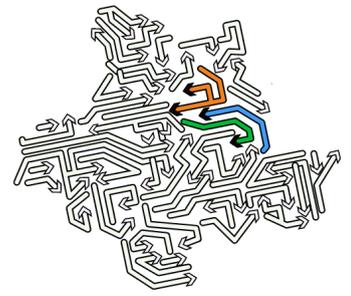
A significação das formas geográficas (objetos fixos e fluxos) presentes no espaço vivido demanda ao raciocínio geográfico interpretar os fenômenos em seus locais de ocorrência e, no caso da geografia escolar, a prática pedagógica pode ser organizada de forma a possibilitar, por exemplo, que estudantes estudem sobre aquecimento global tendo como escala de análise o bairro da escola, através de observações, descrições e comparações com outros locais.

Dessa maneira, requisita-se no ambiente escolar uma prática pedagógica que estabeleça nas atividades de estudo diferentes escalas geográficas de análise, que busque compreensões por meio da transversalidade entre disciplinas e que desenvolva nos estudantes uma compreensão crítica relacionada aos conteúdos curriculares da geografia escolar. Saber como a realidade local ou, até mesmo, a pessoal relaciona-se com o contexto global caracteriza o ensino de geografia durante toda a escolaridade, de maneira gradativa e abrangente, de forma que ocorra a compreensão e a apreensão do espaço (Rudnick; Souza, 2012, p. 22-23).

A aprendizagem pode ser entendida como o processo pelo qual o ser humano percebe, experimenta, elabora, incorpora, acumula as informações sobre a realidade transformadas em conhecimento. O ser humano desenvolve esse processo em diferentes patamares através de um fazer em sua relação com o mundo. Ele interioriza e incorpora as informações, elaborando cumulativamente o acervo de seu universo sociocultural e do seu organismo natural. (KIMURA, 2008, p. 47)

A aprendizagem geográfica compreensiva considera a relação dos sujeitos com o mundo e, torna substancial a compreensão sobre o contexto local mediadas por percepções que se conectam à realidade cotidiana, alcançadas pela observação, interpretação e descrição geográfica do ambiente. Para vislumbrar sua materialidade é importante que o raciocínio geográfico se desenvolva nos estudantes, mediante práticas pedagógicas que abordem o espaço vivido pelos estudantes no sentido de compreender as transformações humanas ao longo do tempo.

O raciocínio geográfico diz respeito a uma maneira particular de olhar o mundo e interpretá-lo. (...) potencializa a capacidade de estabelecer relações,



de articular com propriedade os diferentes níveis ou dimensões do espaço e, assim, permitir que o cidadão entenda o mundo a partir de seu lugar. Em outras palavras, propor o desenvolvimento do raciocínio geográfico nas aulas de geografia significa criar uma nova, promissora e mais rica janela para a realidade. (FILIZOLA; KOZEL, 2009, p. 6)

É evidente que para desenvolver atividades de estudo que proporcionem aprendizagens geográficas compreensivas, faz-se essencial a proposta de metodologias de ensino que fomentem a participação dos estudantes em seus processos de aprendizagem.

Parafraseando (Castelar, 2010), a prática educativa na construção de conhecimentos geográficos pode estar relacionada com a aplicação de metodologias de ensino, que permitam aos estudantes um aprimoramento de habilidades intelectuais, pensamento crítico, conceitos geográficos, escalas de análise geográfica e hierarquização de fenômenos.

Dessa maneira, inverte-se a lógica tradicional da prática pedagógica, tendo na figura do estudante a representação do sujeito do conhecimento, possibilitando-o atuar como próprio agente de seu raciocínio geográfico. Para (Kimura, 2008, p. 75), é preciso dar ênfase às metodologias voltadas para as atividades de estudo e pesquisa, considerando que, além de permitirem uma compreensão melhor dos conteúdos abordados, são favoráveis ao desenvolvimento do pensamento crítico.

Há necessidade de se efetivar uma formação voltada para a cidadania que seja sólida do ponto de vista geográfico e que abra caminhos para a vida. E, para que se efetive, faz-se necessário fundamentação pedagógica consistente, a escola e professores assumirem um novo papel em relação ao conhecimento, utilização de diferentes linguagens e espaços e, por fim, valorizar aspectos sociais e culturais da comunidade escolar. (CASTELAR, 2010, p. 39)

Metodologias de ensino planejadas sob esse viés estão condicionadas a utilizar diferentes registros e linguagens como material didático. Isso reproduz possibilidades criativas sobre os modos de aprendizagem que são construídos no ambiente escolar. É importante frisar que a questão da incorporação de diferentes registros e linguagens no ensino de geografia se impõe com força na atualidade. Essa incorporação lança-nos no desafio de compreender a nossa prática profissional como uma prática criativa, o fazer docente como um processo de criação (Guimarães, 2009, p. 320)



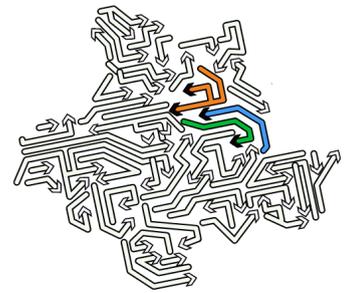
As possibilidades criativas em relação aos diferentes tipos de registro e linguagens, principalmente digitais, no ensino de geografia são reflexos da diversidade de recursos tecnológicos, analógicos ou digitais, que se tem disponíveis atualmente. O desenvolvimento de várias linguagens está presente no ensino de geografia, manifestando-se por exemplo, através do incentivo ao desenvolvimento da oralidade dos alunos, solicitando-lhes relatos sobre os fatos geográficos estudados e suas respectivas análises espaciais.

O uso de diferentes linguagens nas aulas de geografia mobiliza uma construção do conhecimento, de forma interdisciplinar e contextualizada, levando o professor a proporcionar momentos de sua aula que encaminhem o aluno a realizar pesquisas, produzir textos, criar maquetes, mapear espaços, ler mapas, desenvolver projetos, fazer exposições, participar de debates, promover campanhas, organizar entrevistas, painéis, jogos, entre outros. (KIMURA, 2008, p. 19-20)

Em seu texto sobre possibilidades criativas na sala de aula, (Guimarães, 2009) nos propõe uma reflexão que problematiza a incorporação de diferentes linguagens no ensino de geografia. O que se pretende, segundo a autora, é aprofundar a diversidade de práticas pedagógicas no ambiente escolar e, com isso, desenvolver outras metodologias que possibilitem de forma criativa aprendizagens compreensivas baseadas nos princípios de analogia, distribuição, diferenciação e ordem sobre o espaço vivido.

Abordando diferentes linguagens em propostas de estratégias didáticas, a oralidade, a descrição, a observação e a manipulação de dados e informações são pertinentes no contexto do ensino de geografia. Textos jornalísticos, poemas, músicas, jogos digitais, maquetes tridimensionais, imagens de satélite, filmes, episódios de séries, fotografias, livros de literatura, entre outros materiais, tornam-se recursos didáticos que possibilitam um modo de ação ativo nas atividades de estudo e pesquisa desenvolvidas pelos estudantes.

Esse conjunto de linguagens e um número incontável de recursos disponíveis atualmente, devem ser utilizados em sala de aula pelos professores com o objetivo de relacionar os conteúdos geográficos do currículo escolar com o espaço vivido. É essencial que os professores compreendam o que os estudantes pensam, falam, gostam e discutem sobre suas vidas; é preciso estreitar os laços entre o aprendizado e o mundo, entre a escola e a vida, entre o estudante e o professor, para buscar a compreensão da realidade de uma forma ampla e crítica.



(Gardner, 1994) e (Antunes, 2010) indicam em seus trabalhos que a inteligência espacial se manifesta de variadas maneiras no comportamento humano. São citadas capacidades relacionadas a perceber formas ou objetos, imaginar movimentos, pensar sobre relações espaciais nos quais a orientação corporal do observador é uma parte essencial do problema e em manipular mentalmente relações espaciais. Em outras palavras, a inteligência espacial é uma estrutura de sustentação do raciocínio geográfico; não há como dissociá-los, não há possibilidade de desenvolver este raciocínio sem considerar as estruturas da inteligência espacial e, são exatamente essas duas capacidades cognitivas da mente humana,

que são refutadas em razão do aspecto mnemônico da geografia escolar das práticas pedagógicas tradicionais que ainda persistem na escola brasileira.

O contexto é, pois, fundamental, e leva o homem a elaborar o pensamento sobre a realidade percebida ativamente, sobre a qual ele se volta e atua durante o processo do seu existir. Quer dizer, o ser humano atua nas condições e no contexto que lhe foram dados para atuar, dos quais resultam condições e contextos particulares que ele conseguiu construir. (...) O esforço deve ser no sentido de criar condições para a aprendizagem. Dentre essas condições, colocam-se contextualizadamente algumas questões do saber geográfico. Busca-se analisar essas questões juntamente com a (re)construção da trajetória do fazer-pensar geográfico, que precisa estar articulada ao desenvolvimento do aluno. (KIMURA, 2008, p. 110-111)

Por isso, reconhecer as diferentes linguagens e tipos de registros na geografia escolar é uma atitude a ser desempenhada pelos professores. Cabe a todo ecossistema escolar promover uma ruptura com esse fazer pedagógico tradicional, ir além dos aspectos mnemônicos e promover o raciocínio geográfico e a inteligência espacial como modelos de pensamento crítico sobre as nossas interações com o mundo.

ENTENDENDO O RACIOCÍNIO GEOGRÁFICO E A INTELIGÊNCIA ESPACIAL NO CONTEXTO DA SALA DE AULA.

O raciocínio geográfico e a inteligência espacial representam materialidades do intelecto humano, são premissas para um aglomerado de capacidades cognitivas que nos permitem agir sobre o mundo, orientar-se em diversas localidades e manipular objetos no domínio espacial. O desenvolvimento do raciocínio geográfico e da inteligência espacial em



sala de aula possibilita perceber o mundo com precisão e realizar transformações sobre essas percepções.

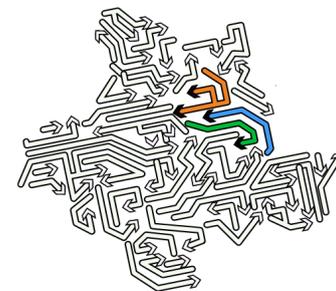
O que prova ser mais difícil para crianças em idade escolar é coordenar seu conhecimento de um traçado espacial. Eles podem orientar-se em muitas áreas em sua vizinhança ou cidade, e de fato, jamais falham em encontrar o que estão procurando. Ainda assim, muitas vezes elas carecerão da capacidade de fornecer um mapa, um esboço ou um relato verbal geral das relações entre vários pontos. (GARDNER, 1994, p. 140)

Neste debate teórico sobre aprendizagem geográfica compreensiva mediante o desenvolvimento do raciocínio geográfico e da inteligência espacial, emerge como campo essencial relacionado ao pensar-fazer geográfico no ambiente escolar a alfabetização cartográfica. A representação espacial possui relevância nesse contexto, afinal propicia o planejamento de atividades de estudo e pesquisa que considerem a leitura, interpretação e criação de mapas, cartas ou plantas como instrumento de registro da produção de significados e sentidos sobre o espaço vivido pelos estudantes.

O registro geográfico constituído pelos mapas, sendo a expressão de um sistema simbólico, é construído pela cultura, e é de natureza social e histórica. Desde a antiguidade, a história dos mapas é rica em demonstrar como os homens fizeram deles uma construção significativa e simbólica. Tinham em vista registrar suas trajetórias, a localização de artefatos e pessoas e as relações entre eles e os espaços vividos. Quer dizer, os mapas integravam as práticas sociais. O núcleo dos mapas, assim, está nos significados e sentidos atribuídos pelas pessoas às suas representações, em que os códigos construídos desempenham verdadeiramente um papel de escrita. (KIMURA, 2008, p. 114)

A alfabetização cartográfica assume um papel essencial na geografia escolar e, no documento da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o conjunto de habilidades a serem desenvolvidas no ensino de geografia para o ensino fundamental (anos iniciais e finais) tem como uma de suas unidades temáticas as “formas de representação e pensamento espacial”.

Nesta unidade temática estão listadas 19 habilidades específicas que envolvem produtos cartográficos (ver Tabela 01), destacando entre elas, atividades de medição de distâncias na superfície terrestre, utilização de escalas gráficas e numéricas nos mapas, elaboração de modelos tridimensionais visando a representação cartográfica, interpretar mapas históricos e temáticos, elaborar mapas para analisar redes e dinâmicas urbanas e



classificar diferentes regiões do mundo com base em informações populacionais, econômicas e socioambientais representadas em mapas temáticos.

O raciocínio espaço-temporal baseia-se na ideia de que o ser humano produz o espaço em que vive, apropriando-se dele em determinada circunstância histórica. A capacidade de identificação dessa circunstância impõe-se como condição para que o ser humano compreenda, interprete e avalie os significados das ações realizadas no passado ou no presente, o que o torna responsável tanto pelo saber produzido quanto pelo controle dos fenômenos naturais e históricos dos quais é agente. (BRASIL, 2018, p. 353)

Tabela 01 – Habilidades relacionadas à unidade temática “Formas de representação e pensamento espacial” na BNCC – Ensino Fundamental (anos iniciais e finais).

Habilidade (Código)	Descrição
(EF01GE08)	Criar mapas mentais e desenhos com base em itinerários, contos literários, histórias inventadas e brincadeiras.
(EF01GE09)	Elaborar e utilizar mapas simples para localizar elementos do local de vivência, considerando referenciais espaciais (frente e atrás, esquerda e direita, em cima e embaixo, dentro e fora) e tendo o corpo como referência.
(EF02GE08)	Identificar e elaborar diferentes formas de representação (desenhos, mapas mentais, maquetes) para representar componentes da paisagem dos lugares de vivência.
(EF02GE09)	Identificar objetos e lugares de vivência (escola e moradia) em imagens aéreas e mapas (visão vertical) e fotografias (visão oblíqua).
(EF02GE10)	Aplicar princípios de localização e posição de objetos (referenciais espaciais, como frente e atrás, esquerda e direita, em cima e embaixo, dentro e fora) por meio de representações espaciais da sala de aula e da escola.
(EF03GE06)	Identificar e interpretar imagens bidimensionais e tridimensionais em diferentes tipos de representação cartográfica.
(EF03GE07)	Reconhecer e elaborar legendas com símbolos de diversos tipos de representações em diferentes escalas cartográficas.
(EF04GE09)	Utilizar as direções cardeais na localização de componentes físicos e humanos nas paisagens rurais e urbanas.
(EF04GE10)	Comparar tipos variados de mapas, identificando suas características, elaboradores, finalidades, diferenças e semelhanças.
(EF05GE08)	Analisar transformações de paisagens nas cidades, comparando sequência de fotografias, fotografias aéreas e imagens de satélite de épocas diferentes.



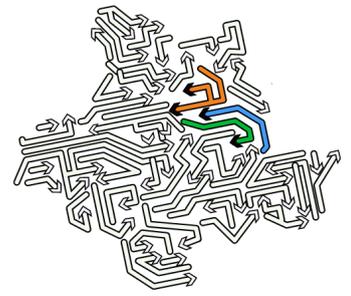
(EF05GE09)	Estabelecer conexões e hierarquias entre diferentes cidades, utilizando mapas temáticos e representações gráficas.
(EF06GE08)	Medir distâncias na superfície pelas escalas gráficas e numéricas dos mapas.
(EF06GE09)	Elaborar modelos tridimensionais, blocos-diagramas e perfis topográficos e de vegetação, visando à representação de elementos e estruturas da superfície terrestre.
(EF07GE09)	Interpretar e elaborar mapas temáticos e históricos, inclusive utilizando tecnologias digitais, com informações demográficas e econômicas do Brasil (cartogramas), identificando padrões espaciais, regionalizações e analogias espaciais.
(EF07GE10)	Elaborar e interpretar gráficos de barras, gráficos de setores e histogramas, com base em dados socioeconômicos das regiões brasileiras.
(EF08GE18)	Elaborar mapas ou outras formas de representação cartográfica para analisar as redes e as dinâmicas urbanas e rurais, ordenamento territorial, contextos culturais, modo de vida e usos e ocupação de solos da África e América.
(EF08GE19)	Interpretar cartogramas, mapas esquemáticos (croquis) e anamorfozes geográficas com informações geográficas acerca da África e América.
(EF09GE14)	Elaborar e interpretar gráficos de barras e de setores, mapas temáticos e esquemáticos (croquis) e anamorfozes geográficas para analisar, sintetizar e apresentar dados e informações sobre diversidade, diferenças e desigualdades sociopolíticas e geopolíticas mundiais.
(EF09GE15)	Comparar e classificar diferentes regiões do mundo com base em informações populacionais, econômicas e socioambientais representadas em mapas temáticos e com diferentes projeções cartográficas.

Fonte: BNCC, 2018.

Para desenvolver atividades de estudo e pesquisa como foco nas habilidades descritas na BNCC relacionadas à unidade temática de formas de representação e pensamento espacial torna-se condicionante do trabalho docente enunciar estratégias didáticas que possibilitem aprendizados geográficos compreensivos.

O ensino de geografia deve ir além da repetição. Ou seja, não basta identificar a ideia principal que o autor de uma canção, um filme, um texto literário ou qualquer linguagem trabalhada, quis mostrar. Não basta fazer exercício de perguntas e respostas para localizar, no texto trabalhado, o que o autor refere sobre isso ou aquilo. É preciso ir além e permitir que o aluno trabalhe com as filiações de sentido, com a memória e, desse modo, possa exprimir algo sobre o texto lido. (GUIMARÃES, 2009, p. 328)

No desenvolvimento de possibilidades criativas para o ensino de geografia, os professores são elementos-chave para o planejamento de estratégias didáticas diferenciadas que congreguem o raciocínio geográfico e a inteligência espacial ao conteúdo escolar. Isso demanda uma intervenção pedagógica, na qual os professores propiciem um processo dialógico entre os estudantes e a compreensão da realidade imediata. (Straforini, 2008) ressalta que, pensando no processo de ensino-aprendizagem, a ação do aluno sobre o objeto do conhecimento é a chave para sua construção.



Assumindo como referência que o conhecimento é algo que se constrói e que estrutura-se sob uma rede de significações, é necessário construir práticas pedagógicas que reconheçam o conhecimento prévio dos estudantes sobre os conteúdos trabalhados em sala de aula, além disso, considerem o cotidiano da vida imediata para aprofundar a compreensão do mundo. Para isso os professores precisam agir no ensino com foco na aprendizagem dos estudantes, para que eles possam, pela própria experiência e pensamento, desenvolver os conceitos geográficos.

Considera-se que a análise do cotidiano é uma análise ampliada, abrangendo o político, o social e o econômico, que não se excluem como fatores explicativos. (...) Um ensino de geografia que busca fazer tais esclarecimentos, considerando o cotidiano como reprodução social, realiza a crítica sobre esse cotidiano. Porém, esse ensino pode ir além da crítica, esclarecendo o cotidiano como o lugar em que se constroem as

contracorrentes aos projetos de dominação, que estão alojados em meio à reprodução social (KIMURA, 2008, p. 179)

Uma aprendizagem geográfica compreensiva considera em sua prática pedagógica o conjunto de relações que são tecidas nas redes de convivência em sociedade; por exemplo, situações de aprendizagem baseadas em problemas da realidade vivida é uma alternativa a ser considerada. Imaginemos uma viagem a uma praia do nordeste brasileiro nas férias de verão, na qual precisa-se alugar uma casa para passar as festividades de final de ano; será necessário pensar no conforto de uma casa arejada e ventilada para que as férias sejam incríveis. Sendo assim, a casa a ser alugada deve estar orientada para o sentido leste ou oeste?

Essa é uma problematização interessante, em que podem ser trabalhados conceitos como movimentos da Terra, orientação espacial, observação sistemática, descrição de fenômenos geográficos, identificar tipos de ocupação humana, entre outras possibilidades do currículo geográfico escolar relacionado ao cotidiano do espaço vivido. No lugar de uma geografia meramente descritiva, uma geografia que acontece a partir da realidade vivida pelo educando e a sua situação nesse contexto (Rudnick; Souza, 2012, p. 23).

Por intermédio de estratégias didáticas trilhadas por uma aprendizagem geográfica compreensiva, o pensamento crítico emerge como modelo cognitivo que sustenta o raciocínio



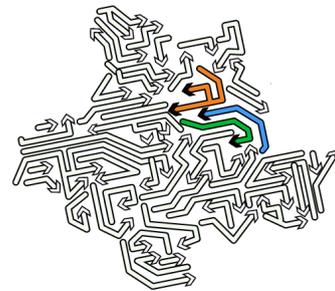
geográfico e a inteligência espacial em sala de aula. Um pensamento voltado para as contradições que caracterizam a vida em sociedade, buscando a compreensão das distribuições espaciais com as suas variadas características e, parafraseando (Straforini, 2008, p. 79), o ensino de geografia deve formar cidadãos através de um posicionamento crítico em relação às desigualdades sociais identificadas na realidade concreta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como resultado da pesquisa bibliográfica e estudo realizado para a construção desse debate teórico sobre o ensino de geografia, percebe-se no contexto educacional brasileiro uma necessidade de práticas pedagógicas que busquem conectar os estudantes com o mundo vivido, compreendendo suas percepções acerca do contexto de suas vidas. Essa abordagem abre caminhos para desenvolver um pensamento geográfico direcionado à formação de cidadãos críticos, capazes de identificar e questionar as desigualdades sociais, econômicas e ambientais presentes na realidade concreta.

A utilização de uma aprendizagem geográfica compreensiva no ambiente escolar apresenta-se como uma proposta extremamente relevante. Essa abordagem permite atender diferentes formas de aprendizagem dos estudantes mediante a utilização de variadas linguagens e tecnologias, tornando o ensino de geografia mais dinâmico e atrativo aos estudantes. A aprendizagem geográfica compreensiva promove um entendimento mais profundo e enraizado da realidade local, favorecendo uma construção de conceitos geográficos pensados criticamente sobre o mundo real. Nesse sentido, a geografia escolar desempenha um papel essencial na formação de indivíduos conscientes e engajados na transformação da realidade, para que possam agir de forma responsável diante dos desafios socioambientais que marcam a contemporaneidade.

Em suma, ao reconhecer a relação dos estudantes com o mundo e sua vivência imediata, a abordagem da aprendizagem geográfica compreensiva oportuniza um aprendizado mais dinâmico, que considera diversas possibilidades de aprendizagem para os estudantes, indo além do caráter tradicional e mnemônico que representa ainda hoje o ensino de geografia. Por fim, enfatiza-se a importância da abordagem crítica e reflexiva, que permite aos estudantes uma compreensão mais abrangente das dinâmicas espaciais e contribui para a transformação da realidade local vivida em busca de uma sociedade mais justa e sustentável.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTUNES, Celso. **As inteligências múltiplas e seus estímulos**. Ed. Papyrus, 16º Ed., 2010.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Ministério da Educação, Brasília / DF, 2008.
- CALLAI, Helena Copetti. **A Geografia ensinada**: Os desafios de uma educação geográfica. In.: Formação de professores: Conteúdos e metodologias no ensino de Geografia. Org.: Eliana Marta Barbosa de Moraes, Loçandra Borges de Moraes. – Goiânia: NEPEG / UFG, 2010.
- CASTELAR, Sônia Maria Vanzela. **Educação geográfica**: Formação e didática. In.: Formação de professores: Conteúdos e metodologias no ensino de Geografia. Org.: Eliana Marta Barbosa de Moraes, Loçandra Borges de Moraes. – Goiânia: NEPEG / UFG, 2010.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Editora: Papirua, Campinas / SP, 1998.
- FILIZOLA, Roberto; KOZEL, S. **Didática da Geografia**: proposições metodológicas e conteúdos entrelaçados com a avaliação. Curitiba: Base Editorial, 2009.
- GARDNER, Howard. **Inteligência Espacial**. In.: Estruturas da mente, (p. 132 – 159), 1994.
- GUIMARÃES, Iara. **Possibilidades criativas no ensino de Geografia**: diferentes registros e linguagens na sala de aula. In.: Ensino Fundamental: conteúdos, metodologias e práticas. Campinas: Alínea, p. 313-334, 2009.
- KIMURA, Shoko. **Geografia no ensino básico**: questões e propostas. Editora Contexto, 2008.
- LESANN, Janine. **Geografia no ensino fundamental I**. Editora Argvmentvm, Belo Horizonte / MG, 2009.
- RUDNICK, R. M.; SOUZA, S. **Ensino De Geografia E Suas Linguagens**. Curitiba: IbpeX, Coleção Metodológica do Ensino de História e Geografia, 2010.
- STRAFORINI, Rafael. **Ensinar geografia**: o desafio da totalidade-mundo nas séries iniciais. Annablume, 2004.